Padre Ceriani: Sermão para a Festa da Santíssima Trindade

Publicado por P.VerboVen em 30 de maio de 2026

Chegamos à celebração do dogma principal de nossa santíssima religião, a Festa da Santíssima Trindade.

Estas são as palavras que nos são proferidas no Batismo; serão as últimas que nos prepararão para a vida eterna. Invocamos a Santíssima Trindade sempre que fazemos o sinal da cruz, rezamos o Glória e o Credo…

Contudo, podemos nos perguntar: por que este mistério de um só Deus em três Pessoas, que nos parece tão abstrato e enigmático, é o mais estimado pelos contemplativos?

Santo Agostinho e São Tomás de Aquino nos respondem: É porque é o mistério supremo, que nos revela a vida íntima de Deus em sua infinita fecundidade; é o principal objeto da visão do Céu; E, se nos fosse plenamente revelado, todos os outros mistérios — os da Encarnação redentora, da Missão do Espírito Santo e da vida da Graça — seriam iluminados do alto e vistos em plena luz, pois todos estes são emanações da Suprema Verdade e da Vida íntima do Deus três vezes santo.

Este mistério revela-nos, antes de tudo, a infinita fecundidade de Deus Pai, que comunica a natureza divina ao seu Filho e, juntamente com o Filho, ao Espírito Santo. É a mais perfeita doação de si imaginável e a mais íntima comunhão.

Em todos os níveis da escala dos seres, vemos que a bondade é difusiva em si mesma, **bonum est essentialiter diffusivum sui**, como ensinam os Doutores.

Deus, que é o Bem Supremo, deve, portanto, ser supremamente difusivo de si mesmo, visto que a bondade é essencialmente comunicativa. Deus, que é o princípio supremo de todas as coisas, contenta-se em dar existência à pedra, vida vegetativa à planta, vida sensorial ao animal e inteligência e vontade à humanidade? Contenta-se em conceder e preservar a graça, a participação em Sua vida mais íntima, aos justos?

Poderia Deus comunicar não apenas uma participação em Sua vida mais íntima, mas Sua vida inteira, toda a Sua natureza infinita?

Por que isso seria impossível, se a bondade é essencialmente comunicável, e tanto mais abundantemente e intimamente quanto mais elevada for a sua ordem? Quem pode impor um limite à comunicação que o Bem Soberano pode fazer de Si mesmo?

Nossa razão, e até mesmo a inteligência natural do Anjo supremo, deixada por si só, não poderia responder a essas perguntas com certeza. Não poderia provar a possibilidade da Trindade, muito menos a sua existência.

Este mistério transcende o reino do que pode ser demonstrado ou o alcance dos princípios da nossa razão.

Mas a Revelação divina, já no Antigo Testamento, revela-nos que Deus é Pai e que Ele diz, no instante único da eternidade imóvel: Tu és meu Filho; eu hoje te gerei.

E no Novo Testamento, o prólogo de São João nos diz: No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus… E mais adiante: Ninguém viu a Deus, mas o Filho unigênito, que está no seio do Pai, esse o revelou.

E o próprio Filho nos prometeu o Espírito Santo e o enviou a nós no Pentecostes.

A Revelação Divina, assim, revela-nos a infinita fecundidade da vida divina através do mistério da eterna geração do Verbo, Filho de Deus, e através da processão do Espírito Santo.

O tratado dogmático **De Deo Trino** é o mais sublime e profundo de toda a teologia católica. Ele se baseia direta e imediatamente na Revelação Divina, pois a razão natural, por si só, jamais poderia ter descoberto o mistério trinitário, nem mesmo suspeitado dele, devido à sua transcendência soberana e infinita.

A razão natural tem poder suficiente para demonstrar, com argumentos apodíticos, a existência de Deus, deduzida por causalidade da existência indiscutível das coisas criadas.

Mas demonstrar a mera existência de Deus é uma coisa, e conhecer Sua vida interior é outra bem diferente.

Demonstrar a existência de Deus nos leva ao conhecimento de certos atributos divinos, como Sua simplicidade, imensidão, bondade, eternidade, perfeição infinita, etc.; mas de modo algum pode nos levar ao conhecimento de realidades divinas que ultrapassam e transcendem o caminho do conhecimento natural que a humanidade pode obter refletindo sobre os seres criados.

Entre essas verdades infinitamente transcendentes, o mistério inefável da Trindade de Pessoas em Deus se destaca acima de todos os outros.

A simples razão natural não pode, por si só, conhecer ou sequer suspeitar da existência da Trindade de Pessoas em Deus.

O próprio Jesus Cristo alude a isso quando diz: “Ninguém conhece o Pai senão o Filho e aqueles a quem o Filho quiser revelar”.

É impossível chegar ao conhecimento das Pessoas divinas pela razão natural, porque a razão natural só pode conhecer de Deus aquilo que necessariamente Lhe pertence como princípio ou causa de todos os seres.

Ora, o poder criador de Deus é comum a toda a Trindade e, portanto, pertence à unidade da essência e não à distinção de pessoas.

As ações que Deus realiza fora de Si mesmo (ad extra) são comuns às três Pessoas divinas: Pai, Filho e Espírito Santo. Essas obras, que incluem a criação, a providência, a redenção e a santificação, são indivisíveis, o que significa que o único Deus age com o mesmo poder e amor.

Mas, partindo da revelação divina do mistério, a razão, iluminada e guiada pela fé, pode explicar, ainda que imperfeitamente, a Trindade de Pessoas em Deus.

É inteiramente justo e razoável que a razão humana aceite as verdades que Deus se digna revelar à humanidade, mesmo que elas excedam infinitamente nossa capacidade natural de conhecer.

A aceitação das verdades propostas pela fé, longe de ser uma humilhação para a razão natural, que não pode compreendê-las, representa, ao contrário, a maior exaltação a que ela pode chegar neste mundo, pois aumenta imensuravelmente sua capacidade cognitiva, permitindo-lhe penetrar na ordem sobrenatural, infinitamente superior à meramente natural.

Portanto, existem verdades divinas acessíveis à razão humana e outras que ultrapassam completamente sua capacidade natural.

Repetimos: é inteiramente justo e razoável que a razão humana aceite as verdades que Deus se digna revelar, mesmo que elas excedam infinitamente nossa capacidade natural de conhecer.

Deus não seria infinito se pudéssemos compreendê-Lo, nem a fé teria qualquer mérito se pudéssemos demonstrar racionalmente as verdades que ela propõe.

Basta saber que Deus as revelou para que a razão humana aceite firmemente essas verdades, sem qualquer receio de estar enganada, visto que é absolutamente impossível que Deus seja enganado ou nos engane.

A Igreja Católica sempre ensinou que a Trindade de Pessoas em Deus é um mistério estritamente sobrenatural, de tal forma que a razão humana jamais poderia tê-la descoberto por si mesma, independentemente da Revelação divina.

Na fórmula do sacramento do Batismo, dada pelo próprio Cristo aos seus discípulos, a revelação do mistério trinitário aparece com total clareza e distinção: “Ide, portanto, e fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo”.

Este texto é o mais claro e explícito de todos. Trata-se aqui de três pessoas distintas, designadas por seus nomes próprios. A unidade de essência ou natureza das três pessoas é claramente expressa na forma singular da expressão “em nome de”. Não nos nomes…

A Igreja Católica sempre ensinou, como dogma fundamental, que em Deus existem três Pessoas distintas: Pai, Filho e Espírito Santo, em uma única essência ou natureza.

O Concílio de Florença, em seu Decreto para os Jacobitas, da Bula *Cantate Domino*, de 4 de fevereiro de 1442, expôs amplamente a fé da Igreja a respeito do mistério trinitário. Devido à sua extraordinária importância, consideremos o extenso texto da Declaração conciliar; que diz o seguinte:

“A Santíssima Igreja Romana, fundada pela palavra de nosso Senhor e Salvador, crê firmemente, professa e prega um só Deus verdadeiro, onipotente, imutável e eterno, Pai, Filho e Espírito Santo, um em essência e trino em pessoas: o Pai não gerado, o Filho gerado pelo Pai e o Espírito Santo que procede do Pai e do Filho.

Que o Pai não é o Filho nem o Espírito Santo; que o Filho não é o Pai nem o Espírito Santo; que o Espírito Santo não é o Pai nem o Filho; mas que o Pai é somente Pai, e o Filho somente Filho, e o Espírito Santo somente Espírito Santo.

Somente o Pai gerou o Filho de sua substância, o Filho foi gerado somente pelo Pai, e o Espírito Santo procede tanto do Pai quanto do Filho.

Essas três Pessoas são um só Deus, e não três deuses. Porque os três têm uma só substância, uma só essência, uma só natureza, uma só divindade, uma só imensidão, uma só eternidade, e tudo é um, onde a oposição de relacionamento não impede. Em virtude dessa unidade, o Pai está inteiramente no Filho, inteiramente no Espírito Santo; o Filho está inteiramente no Pai, inteiramente no Espírito Santo; o Espírito Santo está inteiramente no Pai, inteiramente no Filho.

Ninguém precede o outro na eternidade, nem o supera em grandeza, nem o excede em poder.

É eterno, de fato, e sem princípio que o Filho exista a partir do Pai; e é eterno e sem princípio que o Espírito Santo proceda do Pai e do Filho.

O Pai, seja o que for ou o que tiver, não o tem de outro, mas de si mesmo; e ele é o princípio sem princípio.

O Filho, seja o que for ou o que tiver, o tem do Pai, e ele é o princípio dos princípios.

O Espírito Santo, seja o que for ou o que tiver, o tem tanto do Pai quanto do Filho.

Mas o Pai e o Filho não são dois princípios do Espírito Santo, mas um único princípio.

Assim como o Pai, o Filho e o Espírito Santo não são três princípios da criação, mas um único princípio.

Consequentemente, ele condena, repreende e anatematiza todos aqueles que sustentam uma visão diferente e contrária, e os proclama como estando fora do Corpo de Cristo, que é a Igreja.

Portanto, ele condena Sabélio, que confunde as Pessoas e elimina completamente a sua distinção real. Condena os arianos, eunomianos e macedônios, que dizem que somente o Pai é o verdadeiro Deus e colocam o Filho e o Espírito Santo na ordem das criaturas. Condena também todos os outros que postulam graus ou desigualdades dentro da Trindade".

+++

Esta é a fé da Igreja, obtida diretamente pela Revelação divina.

O teólogo não pode alterar ou modificar minimamente estas verdades sagradas, que a Igreja guarda e proclama fielmente ao longo dos séculos.

Mas a função própria e mais nobre da teologia é explicá-las da melhor maneira possível, com base em analogias extraídas da ordem natural e no confronto dos dados da fé com os princípios da sã filosofia, a fim de obter uma maior compreensão da doutrina revelada, mostrando sua maravilhosa harmonia interna e externa e demonstrando a insensatez de todas as objeções que possam ser levantadas contra ela.

Assim, nenhum tratado teológico fluiu da pena inspirada de São Tomás com tamanha perfeição quanto o tratado sobre a Santíssima Trindade. Nele, tudo é unidade, harmonia, lógica impecável, luz e clareza convergindo contra o pano de fundo obscuro do mais inacessível dos mistérios da nossa fé.

O que a razão é incapaz de ver ou demonstrar, a fé crê com alegria após compreender a explicação de São Tomás e perceber a racionalidade do ato sobrenatural que lhe dá assentimento. Razão e fé se unem, assim, sem se confundirem, num abraço íntimo de amor no claro-escuro dos mistérios divinos.

Dessa forma, aprendemos que Deus é Pensamento sempre em ação, sempre subsistente. E se Ele concebe uma Palavra interior, não a concebe a partir da pobreza, mas da superabundância.

E essa Palavra, esse Logos interior, é substancial, vivo, inteligente, como o espírito que a gera. Aqui, a concepção intelectual culmina verdadeiramente numa geração intelectual, perfeita desde o princípio, no instante único da eternidade imóvel. Esta geração eterna dá ao Verbo a Luz da Luz, Deus de Deus, verdadeiro Deus de verdadeiro Deus. Ele é o esplendor da glória do Pai e a imagem da sua substância.

Este Verbo eterno, precisamente por ser supremamente perfeito, por expressar adequadamente a natureza divina, é único.

O Verbo é a imagem viva do Pai, uma Pessoa semelhante ao Pai, que lhe comunica toda a vida divina, mas que reserva para si apenas a sua relação de Paternidade.

O Verbo é tão perfeito que em Deus não é mais perfeito gerar do que ser gerado; o ser do Filho não é causado, mas comunicado; o que ele recebe eternamente em sua infinita plenitude é o próprio ser do Pai.

O Pai e o Filho, pelo seu amor mútuo, são o princípio do Espírito Santo, a quem comunicam toda a sua natureza divina, sem a dividir nem multiplicá-la, de modo que não é mais perfeito ser o princípio desta processão do que ser o seu fim.

A amizade inefável entre as duas primeiras Pessoas chega, assim, ao seu fim, tal como o pensamento do Pai.

Este fim do amor é substancial, como o fim da concepção do Verbo; é vivo, inteligente e amoroso como o Verbo, e, como ele, é uma Pessoa, o espírito das duas primeiras, seu vínculo, o Espírito Santo.

Tal é a infinita fecundidade da vida íntima de Deus desde toda a eternidade anterior à criação.

Esta é a difusão mais absoluta do ser; e, como o dom do Pai ao seu Filho é supremamente perfeito, o Filho é tão perfeito quanto o Pai; e, pela mesma razão, o Espírito Santo é igual a eles em perfeição.

Esta difusão soberana é o início da comunhão mais íntima. Esta comunhão é a união mais íntima de pensamento e amor que se possa imaginar.

Três pessoas que se abrem completamente umas às outras, e cuja única oposição reside na sua relação mútua, que, ao mesmo tempo, as une.

E enquanto aqui na Terra o egoísmo muitas vezes se opõe à perfeita união das almas, em Deus há três Pessoas que vivem do mesmo Bem supremo e infinito por meio de um único ato de amor, sem o menor individualismo.

O Pai dá ao Filho toda a sua natureza; e o Pai e o Filho a comunicam ao Espírito Santo.

O Pai distingue-se do Filho apenas pela relação de paternidade.

O Filho distingue-se do Pai apenas pela relação de filiação; e aquilo que os distingue une-os, relacionando-os um ao outro.

O Espírito Santo distingue-se das duas primeiras Pessoas apenas porque procede delas.

Além desses aspectos opostos de suas relações mútuas, tudo o mais é comum e indivisível entre eles.

Esta é a comunhão mais íntima: a consubstancialidade, que conduz à unidade de pensamento e amor. Deus Pai, que tem apenas um Filho e a quem comunicou toda a Sua natureza para que pudesse ser o verdadeiro Deus do verdadeiro Deus, quis ter filhos adotivos, aos quais deu uma parte da Sua natureza: a graça santificante, uma semente que um dia florescerá na vida eterna, numa visão imediata da essência divina e na caridade eterna.

Então, em cada alma bem-aventurada, Deus Pai continuará, no instante único da eternidade imutável, a gerar a Sua Palavra e, com Ela, a infundir o Amor pessoal que os une na mais íntima comunhão.

Quanto mais a nossa alma cresce na vida divina da graça, mais se torna uma imagem viva da Santíssima Trindade.

Por fim, o nosso intelecto é chamado a repousar, como o de Deus, na Sua Palavra eterna, e a nossa vontade no Amor pessoal que nunca deixa de nos atrair para Ele, em meio às vicissitudes do exílio.

Glória ao Pai… Glória ao Filho… Glória ao Espírito Santo…

Bendita seja a Santíssima e Indivisível Trindade, agora e para sempre e pelos séculos dos séculos. Amém.

•

Compartilhe nossa publicação